
O estrangeiro
Caterina Koltai (org.)
São Paulo, Escuta
1998

Pátio de miragens

Rubens Marcelo Volich

"O mais difícil dos sentimentos é o sentimento do outro. O outro é ele e és tu. Ele é realmente o outro ou é a parte tua que não queres ser, saber, ver ou aceitar? Tu és o outro para os outros, logo és igual a ele. Todos somos 'outros'. E no entanto o outro invade, ameaça, mastiga de boca aberta, irrita, eriça, machuca.

Até teu filho é o outro. E tu, pobre pretensioso, pensas que ele é teu..."¹

Artur da Távola

Pobres pretensiosos. É assim que nos interpela o ensaísta, para sacudir-nos em meio a nossos sonhos e privar-nos de uma de nossas mais secretas ilusões. Provocador, ele denuncia nossa ambição ilimitada de perceber e sorver o mundo e os seres que o habitam, como se a função destes fosse manter-se em prontidão permanente para servir-nos, satisfazer-nos, adaptar-se e curvar-se a nossos caprichos e desejos. Renitentes, resistimos às investidas do ensaísta, agarrando-nos a

1. A. da Távola. *Mevitevendo*. Rio de Janeiro, Salamandra, 1977, p. 96.

nossos devaneios, nossos mitos, nossos privilégios, aos reflexos desse mundo que insistimos em criar à nossa imagem. Está engajada a batalha.

Desde o primeiro encontro que nos concebe como projeto, como ato, como célula, somos filhos do conflito, filhos de outros. O clima em que somos gestados, as primeiras contrações que iniciam o processo de separação de nossos corpos do corpo materno, a primeira lufada de ar que penetra nossos pulmões, a luz, o frio, os odores, o externo nos toca, nos funda e nos transforma. Contatos necessários à vida, mas que, desconhecidos, amedrontam-nos e nos ameaçam. Instintivamente os recusamos, sem poder saber que com isso nos opomos à nossa própria existência.

O externo, o objeto, o odiado seriam, no início [da vida], idênticos. O objeto se revela mais tarde fonte de prazer, ele então é amado, mas também incorporado ao ego, se bem que, para o ego-prazer purificado, o objeto coincide apesar de tudo com o estrangeiro e com o odiado.²

Quem é o outro? Aquele de quem dependemos, nos primórdios, para sobreviver, mas que, existindo, apresenta-se também como uma ameaça a essa sobrevivência. Aquele que inscreve em nossa carne nossa capacidade de amar, mas que se infiltra também, clandestino, como fonte de nosso ódio. Tais são os conflitos, os paradoxos que marcam nossas origens e que nos acompanham ao longo de nossa existência. Eu e tu. Amor e ódio. Dialéticas que definem os destinos de nossos projetos individuais, bem como dos coletivos.

É em torno desta dialética que Caterina Koltai reúne, em *O estrangeiro*³, as contribuições de psicanalistas, sociólogos, filósofos e jornalistas apresentadas no Colóquio Internacional realizado em 1994 na PUC-SP sobre esse tema. Imigrante, militante, exilada, Koltai é marcada pela experiência do estrangeiro desde a sua mais manifesta condição geográfica, até as migrações que empreendeu ao longo dos anos em sua ação política e profissional, da sociologia à psicanálise, tentativas permanentes de elaborar o desconhecido desta condição. Organizadora daquele Colóquio, desenvolvendo sua pesquisa de doutoramento sobre esse tema, ela coloca em movimento, através dessas produções, personagens de exílio através de uma criação visceral que nos convida a reconhecer e pensar nossa própria condição estrangeira e de exilados com relação a nós mesmos e àqueles que nos rodeiam.

Nesta coletânea, seus convidados nos oferecem diferentes perspectivas para elaborarmos essas questões: os paradigmas e as condições do estrangeiro na

2. S. Freud. "As pulsões e suas vicissitudes" (1915), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*, XIV. Rio de Janeiro, Imago, pp. 137-168.

3. C. Koltai (org.). *O estrangeiro*. São Paulo, Escuta, 1998.

história, elementos para compreendermos as fontes da xenofobia e do racismo, o papel do estrangeiro na dinâmica da subjetividade, o duplo e os segredos de família, a dimensão do *Unheimlich* na clínica, na teorização e na escrita psicanalíticas.

A condição histórica e os paradigmas do estrangeiro

Em seu artigo, Edgar Assis de Carvalho situa dentro de um panorama histórico a questão da preocupação com o estrangeiro, percorrendo esta questão desde a antiga Grécia, passando pelas dinâmicas centradas na organização do mundo cristão medieval, a mudança de visão do Outro determinada pelos movimentos das descobertas e da expansão civilizatória europeus do século XV e XVI, as posições de Montaigne, de Montesquieu com suas *Cartas persanas* e de Rousseau. É a partir desse último que Carvalho, inspirado por Lévi-Strauss, situa o verdadeiro princípio da antropologia, ciência que busca compreender as origens e as especificidades da diversidade humana. Ele discute a função dos “viajantes modernos”, expressão de Todorov, marcados por uma subjetividade que metamorfoseia-se a si própria para transformar-se em algo mais totalizado, que pensa, simultaneamente, a diversidade e a unidade, e que podem assim “desnaturalizar o discurso duro do pensamento teórico para reorientá-lo para canais mais holográficos, portadores de sentidos e percepções trans-históricas” (p. 28). Antonin Artaud, com suas experiências alucinógenas junto aos índios Tarahuama do México em 1936, é uma referência a esse tipo de viajante.

A partir da perspectiva trágica do laço social, “a que nos obriga a compreender que os outros existem não como objetos possíveis de nossa satisfação, mas como sujeitos de seus desejos e de seus atos” (p. 37), Eugène Enriquez se propõe a analisar a figura do judeu como paradigmática do estrangeiro. O judeu desempenha a função daquele que produz o que Tocqueville denominou “a perturbação de pensar”, fruto da impossibilidade de acolher a vida interior e o estranhamento que o contato com ela produz permanentemente. Traçando, dentro de uma perspectiva histórica, uma retrospectiva do lugar ocupado pelo judeu no imaginário social desde o mito da aliança divina, passando pelas manifestações modernas do anti-semitismo, até chegar às repercussões desses movimentos nas dinâmicas sociais da sociedade israelense, e em suas relações com seus vizinhos, Enriquez analisa um a um os mitos subjacentes a tais movimentos: o mito do povo da origem e da eleição, o da pureza e do isolamento, o da crítica do Estado-Nação, o da racionalidade instrumental e da dominação capitalista, o mito da relação específica do povo judeu com a espiritualidade e com as pulsões. O autor demonstra que, apesar de muitas vezes

contraditória, a culpa do judeu independe do que ele realmente faça, pois acima de tudo ele lembra a cada um seu lugar de estrangeiro, fator de preocupação e desordem. Mas esse lugar também pode ser ocupado por qualquer indivíduo ou minoria, mesmo que não possuam as características descritas para os judeus. Por outro lado, partindo de Montesquieu, Enriquez mostra também que é justamente o estrangeiro que pode, por sua posição, permitir a descoberta das falhas, da falta, do novo, do escândalo, sem os quais toda sociedade ficaria presa na compulsão à repetição, no narcisismo nacional e numa visão mortífera do mundo, sem poder evoluir, em sua busca pela verdade.

Por sua vez, Jacques Hassoun parte de Alexandria, excêntrica cidade mediterrânea, fundada por um estrangeiro, macedônio, onde, inicialmente eram os autóctones que eram marginalizados pelos grupos étnicos vindos de fora. As contingências da história egípcia conduziram a que, do Império Otomano à independência, passando pela época colonial, o estatuto do autóctone e do estrangeiro fosse gradualmente se modificando, até a criação de uma figura jurídica particular para designar a maioria judaica na cidade, *sujeitos locais*, nem egípcios, nem estrangeiros. A tensão permanente entre o movimento de subjetivação que busca o outro e a tendência a voltar-se para seus semelhantes, situar-se *entre-nós*, gera uma tentativa de sair do aprisionamento voluntário de quem só sonha tornar-se parte de um Todo: “então será criado o estrangeiro, exatamente onde não se ousa imaginar o confronto com o nada” (p. 84). Com este pano de fundo, Hassoun analisa as fontes da xenofobia nas ideologias nacionais que necessitam “suscitar o outro no seio de uma nação, a fim de negar sua alteridade” (p. 87). Assim, constatamos sistematicamente a criação através da história, em diferentes latitudes, a criação de legislações que visaram, sobretudo, “situar os inquietantes estrangeiros no espaço, para preservá-los em sua função de estrangeiros, designá-los, e, ao mesmo tempo, fazê-los desaparecer” (p. 92). Esse movimento social é lastreado em uma dinâmica imaginária onde o estrangeiro

... parece formar o ponto de convergência de uma série na qual viriam se enovelar, se enviscar, todos os outros (...) convocados para metaforizar sua uniformidade, sua mesmidade... em nome de uma distinção, representando o estado terminal da decadência e da dejeção, o estrangeiro seria esse Outro desprovido de toda alteridade. (...) o estrangeiro, não ainda distinto, mas já não sendo mais qualquer um, seria o significante que falta na série. (pp. 94-95)

Nesta falta, poderíamos localizar a persistência taxinômica do xenófobo que busca, através das mais meticulosas classificações, completar aquela série na tentativa de não se deparar com o horror diante do indistinguível, uma perspectiva também defendida, como veremos, por Marcelo Viñar. O termo estrangeiro faz

entrar em ressonância todos os significantes da diferença, o que explica a fragilidade do xenófobo

... a ponto de o estrangeiro (e a fobia por ele suscitada) parecer ser o único elemento capaz de afastar a iminência de uma catástrofe incompreensível. Para o racista, é preciso haver o estrangeiro para sustentar o conjunto, sempre destinado à derrota e à catástrofe. (p. 99)

O jornalista José Arbex Jr. mostra a atualidade dessas análises. Ele analisa o caso da recente guerra civil na Iugoslávia como paradigma da construção do estrangeiro pela mídia, criando, a partir de uma comunidade multi-étnica que vivia em relativa harmonia, um quadro maniqueísta, onde, através da mídia, criam-se um grupo dos “bons” (croatas e muçulmanos) e um lado dos “maus” (sérvios). Podemos, então, observar como o estrangeiro surge – ali, mas também em muitos outros conflitos modernos – nos momentos em que desabam todas as referências tidas como seguras, como alvo ainda mais necessário, como uma referência que extrai sua positividade de seu valor absolutamente negativo, de tudo o que não sou e que tenho que destruir para ser eu mesmo, já que não sei muito bem quem sou. A facilidade com que a mídia pode construir um estrangeiro nos conflitos inter-étnicos, ou mesmo intra-étnicos, é atribuída por Arbex à crise de referências típica da modernidade: não sei qual o meu lugar no mundo, mas “compartilho com outros – família, amigos, colegas de trabalho – a noção e a imagem de tudo aquilo que não sou” (p. 17). Ele denuncia o movimento cultural, onde reconhecemos facilmente as marcas da globalização, que intensifica a tendência a considerar a “diferença” como sinônimo de marginalidade, e “estrangeiro como uma ameaça, paradigma do Mal”. (p. 19)

O ódio ao estrangeiro e suas origens

Para analisar o ódio ao estrangeiro, Marcelo Viñar parte dos comportamentos de distanciamento, medo e designação pejorativa daqueles que são diferentes de si, observados em crianças e em alguns grupos indígenas. Ele denuncia o caráter falacioso do recurso a essas manifestações para justificar uma suposta “naturalidade” da discriminação. Para escapar dessa armadilha, ele propõe a necessidade de

... tematizar e gerar narrativas que permitam simbolizar a presença do semelhante e do diferente em duas existências não excludentes, sabendo que a metáfora conciliadora e da exclusão sempre rondam por aí e culminam no aparecimento de um entendimento ou na monstruosidade de um sacrificado e um torturador. (p. 175)

Na tentativa de compreender o processo de reconhecer e qualificar o próximo, Viñar recorre a elementos da semiótica, da sociologia, da história, da biologia, da ética para enriquecer a perspectiva psicanalítica, inclusive a psicopatologia psicanalítica que acentua a importância dos núcleos identificatórios iniciais e/ou aleatórios em sua constituição, “considerando também os traços identificatórios que concernem o vínculo social e definem a comunidade e/ou os sujeitos que a constituem” (pp. 183-184). A busca da identidade comporta sempre uma dimensão irracional. Uma das formas de lidar com o diferente é a criação de um destino e a projeção de uma identidade nacional que ele propõe renomear “memória coletiva”.

Na busca tão necessária do “nós” que define o próprio, o diferente é inquietante e às vezes insuportável. O que fazemos com a diferença e os sentimentos que ela provoca? Procuramos admiti-los ou apagá-los, tolerá-los ou suprimi-los? (p. 191)

Alertando para o risco de desvio psicologizante do psicanalista que tenta abordar o tema do racismo e da xenofobia, Radmila Zygouris propõe que, para compreendermos a xenofobia ordinária, precisamos, antes de tudo, reconhecer que, no início da vida, a criança não experimenta rejeição ou ódio ao estrangeiro, mas simplesmente *tem medo dele*. “A xenofobia se torna possível com o reconhecimento do Eu, e se desenvolve com a constituição de nós”. Num primeiro momento, o estrangeiro é o significante de um espaço desconhecido. A xenofobia tem suas raízes nos primórdios da constituição do sujeito, quando a identificação com o semelhante humano prevalece sobre todo outro tipo de identificação. A autora relaciona essa dinâmica com o desenvolvimento pulsional e dos afetos e, correlativamente, da experiência do tempo e do espaço. É nesse contexto que se desenham os destinos da angústia e da agressividade do sujeito. Assim, através do processo de nomeação e da impossibilidade de realizá-lo, permanece na criança algo de sua experiência que

... não pode ser absorvido por nenhuma representação, nem de si-própria, nem do outro. Este resto de imagens, esse objeto-pulsão não-identificado, o estranho, é variável segundo os indivíduos, não cai necessariamente sob um recalque definitivo: está sempre presente, em reserva de ser figurado. O estrangeiro surge aí como figura ideal para fixar esse objeto não identificado. [...] O estrangeiro é uma metáfora especial objetivada de uma distância temporal subjetiva. (p. 201)

Os destinos e possibilidades dessa metáfora determinarão a passagem do íntimo da xenofobia infantil à eventual tragédia social do racismo ativo, privado ou coletivo. A partir desse pano de fundo, Zygouris analisa o genocídio e os efeitos do discurso de execração, “aquele que se insere no lugar em que fracassam

os projetos de vida que unem o singular e o social. O discurso de execração se torna projeto coletivo e mascara, assim, o vazio do projeto subjetivo” (p. 204), que vem nomear um bode expiatório, autorizando a pulsão agressiva, fazendo recuar a angústia e focalizando o ódio sobre o corpo do outro. Essa escalada tem como consequência a ruptura que torna impossível ver no estrangeiro um semelhante, de identificar-se com a espécie humana, impedindo que se estabeleça com esse estrangeiro um relacionamento imaginário ou simbólico de interlocução. Fica assim escancarada a porta que conduz, diretamente, ao genocídio.

Bastante sintonizada com Zygoris, Caterina Koltai também reconhece as dificuldades de articulação entre o psicanalítico e o político. Ela aborda o recrudescimento da segregação e do racismo como “uma forma de mal-estar, como sintoma social, relacionando o inconsciente freudiano com as transformações históricas e sociais do mundo contemporâneo”. Orientando-se pelas formulações de Freud em “Mal-estar na civilização”⁴, ela aponta o paradoxo do mandamento bíblico “amarás o próximo como a ti mesmo”, uma vez que o próprio movimento identificatório implica uma segregação, uma divisão entre semelhantes, excluindo os não semelhantes. “Não há amor entre irmãos sem rejeição dos estrangeiros” (p. 107). Nesse sentido, também a unidade do grupo se estrutura sobre a consideração de que inimigos são os que se situam fora do grupo. Da mesma forma, Koltai nos lembra o caráter visionário de Lacan ao antecipar, em sua *Proposição* de 9.10.67, a extensão e a generalização dos processos de segregação “em nosso futuro de mercados comuns”. Se o racismo não é um fenômeno moderno, suas formas de manifestação modificaram-se ao longo do tempo. Observamos na atualidade como o discurso da ciência, ao tentar escamotear a divisão do sujeito, se presta à promoção da segregação colocando-se a serviço do discurso do mestre, promovendo a dessubjetivação, o totalitarismo e conduzindo à catástrofe. Para a autora, dentro desse panorama, o racismo se caracteriza pelo ódio ao gozo do outro, identificado e exacerbado no estrangeiro. O processo analítico pode introduzir a questão da tolerância ao gozo do outro, ao revelar que

... não há nada mais estrangeiro para o sujeito que sua própria anterioridade. O modo como se lida com a própria estrangeiridade pesa na hora de definir o outro como estrangeiro. [...] a lição de Freud é que o exílio é a estrutura do sujeito. (pp. 110-111)

4. S. Freud. “O mal-estar da civilização” (1930), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*, XXI. Rio de Janeiro, Imago, p. 81.

O estrangeiro e o processo de subjetivação

Luis Cláudio Figueiredo aborda o tema do estrangeiro a partir da questão da alteridade nos processos de subjetivação. Ele contrapõe à posição da alteridade concebida por J. Laplanche como a de um *ente-já-constituído*, uma concepção da alteridade *processual*, ou seja, tomada no mesmo processo em que se constitui a *si-próprio*. Nessa visão o “estranho desponta exatamente de onde não se esperava, da mais absoluta proximidade” (pp. 61-62). Após uma apresentação da posição de Laplanche e das etapas em que o surgimento da alteridade decorrem do encontro com o enigma do adulto, das exigências de tradução e de de-tradução que servem também de perspectiva para a constituição da temporalidade, da história e do sentido, Figueiredo aponta a necessidade da introdução nessas concepções das noções de *acontecimento* e *transpassabilidade*, e de uma leitura crítica da perspectiva positivista realista de Laplanche. Desta forma, o autor propõe conceber a alteridade a partir da concepção do outro funcionando como parte de si, como encontramos, por exemplo, nas noções de Kohut de *self-objeto*, de Winnicott de *mãe-ambiente*, de Bollas de *objeto transformacional*, ou ainda nas concepções de Max Scheler. Vemos, assim, surgir uma compreensão de que o que deve surpreender-nos ou assustar-nos não é tanto a alteridade do outro, mas “a surpresa de alguém-que-sendo-parte-do-mesmo-é-outro o que constitui o outro na sua alteridade e estrangeirice. A alteridade surpreende, porque provém do que parecia mais próximo e familiar.” (p. 74)

O lugar do estrangeiro na produção da subjetividade é também o ponto de partida de Fernando Ulloa. Ele analisa o movimento que tem início na condição de desamparo de todo recém-nascido humano, e que se constitui no percurso deste para “apoderar-se do próprio” e do conhecimento. Figura permanente de nossa existência, o estrangeiro “mantém sua presença na estrutura subjetiva sob a forma de um sonho irrenunciável de permanência na unidade indiferenciada com o âmbito de origem” (p. 167). Essa perspectiva revela o porquê da condição necessária de estrangeiridade e de distanciamento para que uma palavra possa ser escutada como um enunciado de verdade ou de profecia. Da mesma forma, as diferentes distâncias entre o estranho e o familiar caracterizam as diversas modalidades afetivas de relação pessoal, que vão desde as *relações íntimas*, “centradas no enamoramento e no edípico”, passando pelas *amizades cotidianas*, como a camaradagem e as relações de trabalho, até as *amizades estrangeiras*, “amigos que estão em margens distintas [desse] rio mutante da vida que passa entre eles”, e onde ocorrem periodicamente encontros, “situações onde prevalece a liberdade (...) um desejo distante dos enamoramentos (...), uma via que permite recuperar o amistoso, no dispositivo psicanalítico transferencial.” (p. 172)

Ricardo Godenberg contesta as posições de Figueiredo e Ulloa. Para ele, a estraneidade não pode ser tomada como uma posição subjetiva. *Ser estrangeiro* é apenas fruto da miragem criada pela própria segregação, e que, na verdade, em certas ocasiões como em viagens, por exemplo, pode-se *estar* estrangeiro. Goldenberg introduz a dimensão identificatória como eixo privilegiado de compreensão do fenômeno da “estrangeirice”. Ele afirma que o pai é, na verdade, o primeiro estrangeiro, que ao mesmo tempo que garante a unificação do grupo representa o elemento excluído de sua totalidade, tese sintônica à condensação operada por Freud em “Totem e tabu”⁵, do gozo e da morte na figura do pai primitivo. Assim, segundo o autor, “o único bem inalienável de um grupo é seu ‘gringo’” (p. 79). Porém é possível conceber

... uma estraneidade que não precisa defender-se de seu gozo, apelando para o pai próprio ou alheio. É apenas nesse sentido que poderíamos afirmar não que somos todos estrangeiros, mas que todos poderíamos vir a ser estrangeiros de vez em quando, à condição de não nos imaginar fazendo parte de uma classe de entendidos. (p. 82)

A morte, experiência limite da subjetividade, suscita enquanto estrangeira as reflexões de Peter Pál Pelbart. Ele relata o belo conto de Jean-Paul Richter “A morte de um anjo”, onde, ao menos uma vez, o anjo da morte, é muito mais terrível do que a própria morte. Pelbart evoca, igualmente, Heinrich von Kleist, que busca, ao longo de sua vida, não alguém que queira viver com ele, mas morrer com ele, os guerreiros Baader-Meinhof, Kirilov, personagem do romance *Os possessos* de Dostoiévsky, que via no suicídio não só uma insubordinação contra a vontade divina, mas como a própria prova da inexistência de Deus, e Rilke, que pede ao Senhor que dê a cada um sua “própria” morte. Através desses relatos, Pelbart polemiza com Maurice Blanchot a respeito da estrangeirice da morte e suas duas facetas: aquela que faz sentido, manifestação do negativo, como extremo do poder, como afirmação do Eu, e a segunda, caracterizada mais como morrer que como morte, da ordem da incerteza, da indecisão do que nunca chega, que “desapossa” o alguém de seu próprio eu. Introduce-se, aqui, a dimensão do tempo, que se afirma ou que é negado em função daquelas experiências, e a reflexão sobre suas repercussões sobre a organização da sociedade moderna e seus modos de produção, de mercadorias, de sentido e da própria experiência da temporalidade.

5. S. Freud. “Totem e tabu” (1912), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*, XIII. Rio de Janeiro, Imago, p. 17.

O estrangeiro, duplo e clandestino

Em verdadeiro clima de *thriller* político, Emilio Rodrigué investiga o “caso” Max Eitigon acusado, entre outras coisas, em 1988, de ter ativamente colaborado tanto com os serviços secretos estalinistas como de conivência com Reinhard Heydrich, do serviço de espionagem nazista. Levando em conta o papel central exercido por Eitigon desde os primórdios do movimento psicanalítico – ele participou do primeiro círculo de fiéis de Freud, fundou a Policlínica de Berlim, tendo sido, em 1927, presidente da Associação Psicanalítica Internacional –, tais acusações provocam no leitor a experiência da estranheza. Mantendo em suspenso nossa respiração, Rodrigué nos remete, através de Eitigon, à curiosa fascinação/decepção que nos acomete quando se revelam os segredos de família: atos pouco louváveis, figuras vis, doenças constrangedoras, traições e torpitudes acobertadas ao longo dos anos que, ao virem à tona, surpreendem-nos ao mesmo tempo que nos dão a impressão de que sempre os conhecemos. Segredos de polichinelo. Personagem do romance familiar da psicanálise, Eitigon tinha tudo para nos fazer sonhar: rico, aristocrata, culto, poliglota, viajante frenético do continente europeu, hábil articulador político. Teria ele se servido da psicanálise tanto quanto a serviu? Teria sido sua reconhecida dedicação à “causa da nova ciência” uma fachada conveniente para acobertar atividades de outra natureza? Ao introduzir, através deste caso, uma reflexão sobre o duplo, o próprio Rodrigué, conhecido contador de casos, vacila... Desejando deixar ao leitor a liberdade de decidir sobre a veracidade dos fatos, ele acaba escorregando, em alguns momentos, para o julgamento moral, ao afirmar que, se verdadeiras, as acusações contra Eitigon configurariam “o maior escândalo da história da psicanálise” (p. 151). Mas por que escandalizar-se diante do acobertamento ou da clandestinidade do estrangeiro? Não seria este convite permanente à clandestinidade quase que a condição natural do desconhecido?

Àqueles que ainda hesitam, Neuza Santos Souza lembra a artificialidade de nossa aparente surpresa diante das supostas atividades encobertas, como as de Eitigon, ou da revelação de aspectos ocultos da vida de qualquer outra figura pública ou familiar (lembremo-nos, por exemplo, das reações despertadas pela presença de Mazarine, filha extraconjugal de François Mitterrand nos funerais de seu pai, em 1997). O estrangeiro, segundo a autora, “vive sempre em nossa casa, sendo o mais opaco, o mais escondido (...). O mais íntimo não se conjuga com

6. S. Freud. “Sobre a transitoriedade” (1914), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*, XIV. Rio de Janeiro, Imago, p. 345.
7. S. Freud. “O sobrenatural” (1919), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*, XVII. Rio de Janeiro, Imago, p. 275.

a transparência – ao contrário” (p. 156). Nesse sentido, o estranho é fruto do enlace entre o registro do simbólico e do real, que em um átimo, se nos apresenta no imaginário. Dessa dinâmica, configuram-se diferentes figuras do estranho: o autômato, o duplo, o feminino, e mesmo, paradoxalmente, o sentimento de fastio do mundo, descrito por Freud em seu artigo sobre a transitoriedade⁶.

O estrangeiro na clínica e na escrita psicanalíticas

É na clínica que Luís Carlos Menezes busca sua inspiração para a compreensão do fenômeno do *Unheimlich*⁷. Lembrando a definição freudiana do termo, que exprime o efeito do recalque e do retorno do desejo inconsciente que se apresenta ao sujeito como, ao mesmo tempo, estranho e familiar, Menezes ressalta que, nesse fenômeno, “a realidade parece dar razão à possibilidade de realização imediata do desejo, às crenças mágicas, animistas e a crenças em forças ocultas maléficas”, o que, de certa forma, antecipa a descrição do mecanismo da identificação projetiva descrito por Melanie Klein (p. 122). Analisando o sentimento de *Unheimlich* que o acometeu nas semanas que seguiram a morte súbita de um paciente seu, o autor se pergunta sobre o grau de proximidade em que se encontrava com seu paciente naquele momento, que permitira, inclusive, que esta morte tivesse sido pressentida pelo analista, sem que nenhum elemento de realidade permitisse prever tal desenlace. É através de mudanças notáveis nas reações, nos comportamentos habituais e nos sonhos, tanto do analista como do paciente que se instilam como verdadeiras pré-percepções da catástrofe latente, que leva o primeiro a questionar

... a origem e a natureza das percepções que vieram alimentar como “restos diurnos” o sonho [do paciente, mas também posteriormente do próprio analista]: a percepção endopsíquica da catástrofe psicótica da qual [o paciente] estava saindo ou, então, percepção onírica da catástrofe iminente? (p. 125)

O entrecruzamento dos sonhos do paciente e do analista caracterizam, para o autor, a dissolução das fronteiras do Eu descritas por Freud no *Unheimlich*, convidando à reflexão sobre a experiência telepática e sobre o ocultismo através dos quais se manifesta, em nós, a vivência da angústia face ao desconhecido e ao estrangeiro.

Por sua vez, Cristina Magalhães analisa os efeitos do estrangeiro sobre a teorização, a escrita e a constituição do texto psicanalítico. É a condição de Freud como emigrante em um sítio estrangeiro do não saber e do desconhecido que marca o ato fundador da psicanálise. O terreno da clínica é fecundo em sua possibilidade de revelação e transformação dessa matéria prima permanente da experiência da estranheza. A fala nesta situação é de ordem diferente da simples

comunicação. O silêncio, muitas vezes, é gritante quanto ao que pode revelar. A experiência clínica se apresenta como “linguagem e *poiesis*”, onde podem transmutar-se ato, sonho, imagens e palavras, diferentes manifestações da pulsão que permitem a produção de coisas, modelos, ficções, mitos e conceitos. Articulando técnica e saber, a clínica psicanalítica permite compreender a “origem da palavra, da psique, da fundação do inconsciente, da pulsão da sexualidade”, vias privilegiadas de manifestação do *infans* e do infantil. O estrangeiro é a fonte de onde emerge, através da livre-associação, “toda a memória do originário, do antepassado, inclusive do animal e do inorgânico. Assim ocorre uma transferência transgerativa de tradução e transmissão transgeracional” (p. 117). O estrangeiro é aquele permite a emergência do poder *poiético* das palavras, que, desta forma, se descristalizam, abandonando sua depressão, readquirindo assim movimento e ambigüidade, polissemia e transitividade. Magalhães sugere também que é essa perspectiva – da abertura para a experiência do estranhamento – que permite a descoberta permanente da obra freudiana a cada releitura, no contato com seu texto interminável e inesgotável.

Ao longo deste fascinante percurso organizado por Koltai, somos tomados pelas mais diversas emoções: surpresa, medo, fascinação, repulsa, reações apaixonadas, ao encontrar em cada página fragmentos do que temos de familiar e daquele que rejeitamos. Densos em suas análises, os artigos acabam, algumas vezes, nos aliviando do incômodo de nossa posição ao resgatar-nos, através da teoria, do mundo de nossos fantasmas. Ações involuntárias, que nos distanciam em alguns momentos daqueles que nos assombram. Alívio passageiro, mas que não deixa de nos intrigar sobre a função da teoria e da experiência para entrar em contato com o estrangeiro.

Sensação bizarra, que talvez manifeste um desejo de aproximação. Quem é o outro, o estrangeiro? Como compreendê-lo ao encontrá-lo ao nosso lado, em outros países, em outras espécies, em outras gerações, no pai, no filho, no homem, na mulher? Encontros inevitáveis que tantas vezes recusamos ou negamos através de miragens que nos ofuscam e nos alienam conduzindo, como ao pacato Mersault de *O estrangeiro* de A. Camus, à inexplicável eliminação do outro e às amarras da melancolia.